

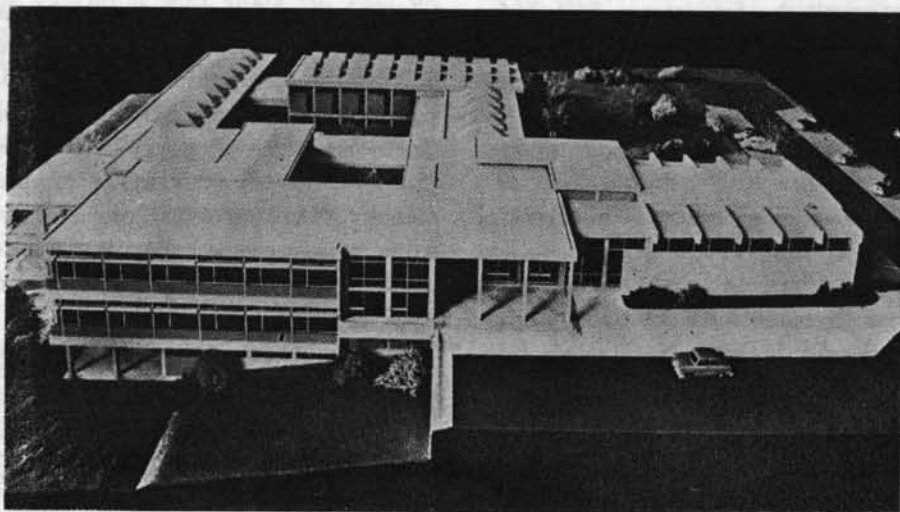
NOTÍCIAS

Museu Municipal Dr. Santos Rocha

O melhor monumento que a Figueira da Foz podia erguer à memória dum dos filhos mais ilustres, o Dr. António dos Santos Rocha — arqueólogo pré-historiador, de primeira água, distintíssimo historiógrafo local, jurisculto notável — era instalar dignamente o Museu, que ele fundou e constituiu justo motivo de orgulho e um dos maiores padrões de glória dos figueirense, perante sábios nacionais e estrangeiros.

Assim o entendeu a Câmara Municipal da Figueira da Foz, a cujo apelo não faltou a prestante presença, financeira e técnica, da Fundação Calouste Gulbenkian e largo subsídio do Ministério das Obras Públicas.

E um edifício próprio, para esse fim, vai já em adiantada construção. Situado a igual distância da parte antiga e dos bairros novos da cidade, integra-se numa alameda de múltiplos acessos, que se estende desde o jardim municipal até à zona desportiva, beneficiando, a norte, duma mancha arborizada de grande beleza.



Maquete do Museu-Biblioteca da Figueira da Foz

A imagem que reproduzimos ocupa uma área de 8000 metros quadrados. Além do auditório, calculado para três centenas de lugares, o edifício consta de duas alas: — a BIBLIOTECA, dividida em dois núcleos, em pisos diferentes, com salas de leitura, gabinetes de estudo, serviço de leitura domiciliária, silo de livros com 5 pisos e a capacidade de 200 000 volumes, centro de documentação local, etc., e o MUSEU, que engloba sectores de Arqueologia, Etnografia, Armaria, Cerâmica, Pintura Religiosa, Pintura, Mobiliário, Música (Sala «David de Sousa»), Exposições Temporárias, Centro Cultural Infantil, pátio-jardim, em dois planos, etc.

Qualquer destes departamentos disporá das necessárias dependências de apoio — zonas de pessoal, oficinas de restauro, gabinetes de trabalho, depósitos, casa do guarda, etc., e, anexo, um Bar.

O projecto do edificio é da autoria do architecto figueirense, José Isaías Cardoso, que, no «seu risco», conseguiu criar uma construção digna, sóbria, de características actuais e que, a um tempo, respondesse integralmente à sua função e se enquadrasse, perfeitamente, no local de implantação.

E que assim é, se depreende do despacho ministerial, homologado pelo seguinte parecer da 3.^a Subsecção da 2.^a Secção da Junta Nacional de Educação: — «que na elaboração do projecto do Museu da Figueira da Foz foram tomados em conta os princípios gerais da Museologia, no que respeita a determinação das diferentes zonas,

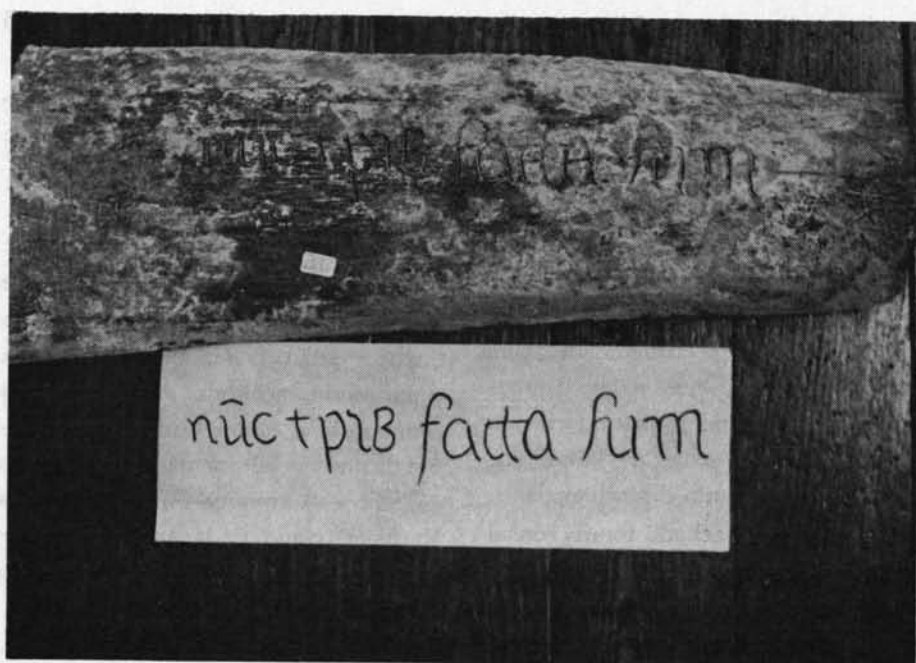
destinadas ao público e aos serviços internos, compreendendo a respectiva circulação, e nas precauções para conservação e defesa das colecções; e que o programa do Museu e Biblioteca da Figueira da Foz realiza um tipo de Centro Cultural, que pode servir de exemplo, para organismos a instituir noutras regiões do país».

Inscrição gótica do convento de S. Francisco de Alenquer

Do Convento de S. Francisco de Alenquer foi retirada uma telha, onde se lê a seguinte inscrição em bom latim e letra gótica: «nūc t̄pis facta sum» (nunc temporis facta sum), que se pode traduzir livremente por «fui feita agora».

A telha pertence ao Museu Municipal Hipólito Cabaço daquela Vila, é encanudada do tipo «imbrex» romano, ligeiramente abaulada no dorso devido talvez à pressão exercida sobre ela quando foi gravada a frase com estilete ou prego antes da cozedura do barro. Este é grosseiro, com muita areia, côr de tijolo. Mede a peça 0,485 m de comprimento por 0,185 m de largura máxima e 0,122 m de largura mínima, tendo a inscrição 0,294 m de comprimento, com letras que variam entre 0,017 m e 0,052 m de altura.

A letra gótica indica-nos realmente a época em que foi gravada a frase. Esse tipo de letra foi utilizado em Portugal, ainda que não muito frequentemente, desde o século XIV a princípios do século XVI.



Data do século XII a fundação do convento de S. Francisco de Alenquer. O edificio começou por albergar os paços da infanta D. Sancha filha de D. Sancho I, mas ainda em vida da princesa foi transformado em convento. Ao longo do tempo sofreu arranjos e remodelações várias, principalmente nos reinados de D. Afonso III e D. Diniz no século XIII, nos de D. Manuel e D. Sebastião no século XVI, e após o terramoto de 1755 que danificou a maior parte do edificio.

Apesar de todas as vicissitudes por que passou, a nossa telha sobreviveu até ao século XX perpetuando um momento de bom humor de um epigrafista ignorado.

J. L. de Matos

Descoberta de restos de uma provável gruta artificial em Liceia

Introdução

A) — Pelo nosso plano de trabalho, cabia a vez duma exploração ao local onde se encontram o castro, as grutas e os abrigos de Liceia, já reconhecidos pelo ilustre geólogo Carlos Ribeiro (¹).

Os trabalhos de localização foram muito difíceis, pois toda aquela área está coberta por uma espessa camada de mato. Decidimos lá voltar não só porque pouco tínhamos visto mas também pela ânsia de descobrir qualquer coisa nova e importante.

Durante a segunda visita, um dos nossos objectivos foi a observação do monte do Castelo, onde Carlos Ribeiro suspeitava que existissem vestígios du-

ma fase adiantada da Idade do Cobre. Quando para o dito nos encaminhámos passámos por uma pedreira, na altura em exploração.

Por interesses de ordem geológica fomos observar o filão que ali passa. Foi nessa altura que um de nós reparou nuns pequenos fragmentos de ossos que ao serem atentamente vistos logo denunciaram a sua antiguidade. Uma rápida prospecção em redor demonstrou tratar-se duma sepultura conjunta onde havia ossadas de vários corpos embora já muito destruídas.

Sobre o nosso achado foram consultados os Serviços Geológicos de Portugal, onde o sr. dr. Veiga Ferreira nos orientou sobre a cronologia e cultura local. A pesquisa e exumação dos ossos, prosseguiram sobre a sua orientação «in loco» e através dos inúmeros conselhos que nos deu sobre técnica de escavação e de crivagem.

A necrópole está situada na vertente NE duma colina calcária cretácica, designada por monte do Castelo.

Para lá chegar segue-se pela estrada Barcarena-Oeiras até à povoação de Liceia seguindo a direcção S é fácil localizar a necrópole (Fig. 1). A colina é encabeçada por um marco geodésico. O jazigo está localizado dentro dos limites da pedreira.

Tudo leva a crer que se trata duma gruta artificial escavada nos calcários margosos. Como nos foi somente possível apanhar um resto estamos impossibilitados de dar seja que medidas forem; calculamos apenas que seria

uma grande sepultura (talvez com 5 m de diâmetro).

Actualmente não passa de um soalco a meio da escarpa da pedreira.

Meio arqueológico

B) — Se admitirmos que se trata de uma gruta feita pelos habitantes do Castro, então poderemos classificá-la como sendo eneolítica. Assim podemos compará-la a tantos outros monumentos da mesma altura não só na região de Sintra (Carenque⁽²⁾), e Praia das Maças⁽³⁾ como ainda na área de Cascais em Alapraia⁽⁴⁾ e S. Pedro do Estoril⁽⁵⁾.

Nas imediações existem várias estações paleolíticas de superfície quase todas referenciadas na Carta Geológica (folha 3⁽⁶⁾). O próprio monte do Castelo será provavelmente uma dessas estações.

Espólio

C) — Todo o espólio foi entregue ao Museu dos Serviços Geológicos de Portugal.

Devido à exploração da pedreira ali existente, e que estragou todo o monumento, o material antropológico, que não estava literalmente esmagado, apresentava-se seriamente danificado, e remexido, o que impediu qualquer anotação estratigráfica.

Foram apesar disso referenciados pelo menos dez esqueletos: com a criva-

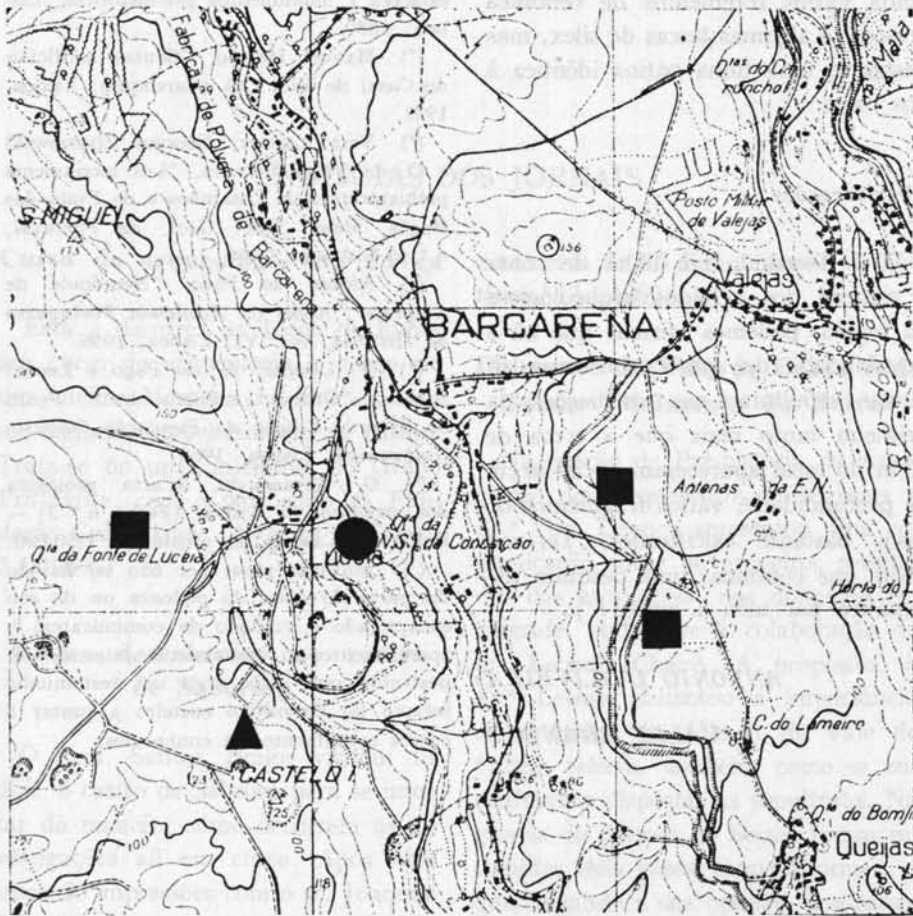


Fig. 1 — Mapa da região de Liceia

- — Estação paleolítica
- — Castro eneolítico de Liceia
- ▲ — Restos da sepultura descoberta

gem da terra apareceram muitos dentes a maioria de adultos. Apanhámos ainda vários fragmentos de cerâmica gresosa, e algumas lascas de sílex, mas destas só uma tinha pátina idêntica à dos ossos.

Considerações

D) — Tomando em linha de conta a riqueza dos achados arqueológicos na região, podemos afirmar que há a possibilidade de aparecerem mais algumas sepulturas nas imediações da primeira tanto mais que a cerca de 20 m do local apareceram, a 20-30 cm de profundidade, vários fragmentos de ossos bastante calcificados. Ter-se-á assim que continuar uma pesquisa sistemática por toda a região (7).

ANTÓNIO D'OLIVEIRA

J. VALLE BRANDÃO

NOTAS

(1) Carlos Ribeiro, "Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos, Lisboa, 1880.

(2) Manuel Heleno, "Grutas artificiais do Casal de Vila Chã (Carenque), Lisboa, 1932.

(3) Vera Leisner, Georges Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, "Les monuments préhistoriques de Casainhos e de Praia das Maças, *Mem. Sev. Geol. de Portugal*, n.º 16 Lisbonne, 1969.

(4) Afonso do Paço, "Necrópole de Alapraia", *Anais da Academia Portuguesa de História*, vol. VI, Lisboa, 1956.

(5) V. Leisner, A. do Paço e Leonel Ribeiro, "Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril, *Edição da Fundação Calouste Gulbenkian*, Lisboa, 1964.

(6) G. Zbyszewski, «Carta geológica dos arredores de Lisboa (Folha n.º 3) — Folha de Cascais na escala de 1:50.000.

(7) Sentimos pesar por não ter havido da parte do dono da pedreira ou do seu encarregado o cuidado de comunicarem o aparecimento do monumento antes de ser destruído pois seria mais um testemunho intacto do Eneolítico costeiro a juntar a outros monumentos já conhecidos.